

Franco vê sinais “encorajadores”

SÔNIA ARARIPE

O presidente do Banco Central, Gustavo Franco, revelou ontem que o fluxo de câmbio em novembro ainda está negativo, mas anunciou boas notícias. “Há sinais encorajadores. A entrada de recursos nas bolsas de valores, através do Anexo 4, por exemplo, está positiva. O fluxo de investimentos diretos esteve imune a este período de turbulência, o que deverá representar no fim deste mês um saldo positivo de cerca de R\$ 1 bilhão em investimentos diretos”, disse Franco, que participou, no Rio de Janeiro, do encerramento do 17º Encontro Nacional de Comércio Exterior.

Se os exportadores esperavam algum sinal de que a política cambial possa mudar, Franco deu um recado muito claro. “Não vislumbramos mudança. As consequências de uma maior desvalorização agora seriam só de pressionar a inflação como também de reduzir o cupom cambial. Não é o momento de pensar neste tipo de atitude”.

Sobre o fluxo cambial, o presidente do Banco Central explicou que a equipe econômica não está apostando em um resultado positivo neste fluxo de recursos até o fim do ano. “Há um efeito sazonal de maior volume de remessas nesta época. Como este não é um fim de ano típico, com as turbulências, é possível que este movimento já tenha sido antecipado. Mas levando em conta a fase mais turbulenta de duas semanas atrás, acreditamos que o pior já passou”.

Um correspondente estrangeiro perguntou sobre a possibilidade do governo brasileiro voltar a captar no mercado internacional, seja para troca de títulos ou na emissão de novos papéis. “É prematuro imaginar quando o governo poderá voltar ao mercado internacional. É preciso esperar alguma normalização”, disse o presidente do BC.

Franco explicou que é natural que demore algum tempo para que algumas instituições se adaptem. “A confiança se reconstrói, mas não será da noite para o dia. Não com uma turbulência como esta”. Na sua opinião, as últimas notícias da Ásia são boas. Ele disse que é positiva a notícia do acordo do governo da Coréia com o Fundo Monetário Internacional e dos ajustes no sistema bancário do Japão. “São notícias encorajadoras. Se realmente se concretizarem, será um grande passo para trazer a turbulência na Ásia a uma temperatura bem menor”.

Divergências – Gustavo Franco garantiu que jamais divergiu do ministro da Fazenda, Pedro Malan, sobre o FMI ou qualquer assunto. “Isso nunca existiu. Foi um problema de tradução de entrevistas para jornalistas estrangeiros”, assegurou. E elogiou os programas que estão sendo feitos pelo FMI na Ásia, criando a possibilidade de um aporte internacional de recursos e por outro lado utilizando o programa como o deslanche de reformas de políticas econômicas que precisam ser feitas. O presidente do BC citou a Indonésia. “Ao mesmo tempo em que fez o programa com o Fundo, fez uma reestruturação, fechando vários bancos, gerando alguns solavancos. É de se presumir que isto também aconteça com a Coréia”.

Franco disse que a relação do governo brasileiro com o Fundo tem sido muito boa, com visitas periódicas duas vezes por ano, desde 1994, quando foi assinado o acordo da dívida. “O diálogo tem sido muito fácil porque não se trata do Fundo enfrentar uma equipe econômica heterodoxa, que não acredita em ajuste fiscal. Não é por outra razão que o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, tem apoiado os rumos do Plano Real. Já existe este aval em grande medida”.

O presidente do BC recomendou aos investidores de fundos que tomem mais cuidado quando escolherem suas aplicações para saber exatamente em que tipo de fundo estão entrando e qual o perfil dos administradores. “A principal lição que ficou depois desta turbulência foi a de que os aplicadores de fundos devem saber exatamente onde estão colocando suas economias. Eles devem ler o regulamento do fundo e saber se o administrador é conservador ou não”, disse Franco. Ele não quis prever a redução da queda dos juros. “Temos uma velha regra de que quem fala pelo Banco Central em termos de juros é a mesa do BC”.

Estefan Radovitz



Ao falar no encontro dos exportadores, no Rio, Gustavo Franco disse que é “prematuro” mudar o câmbio